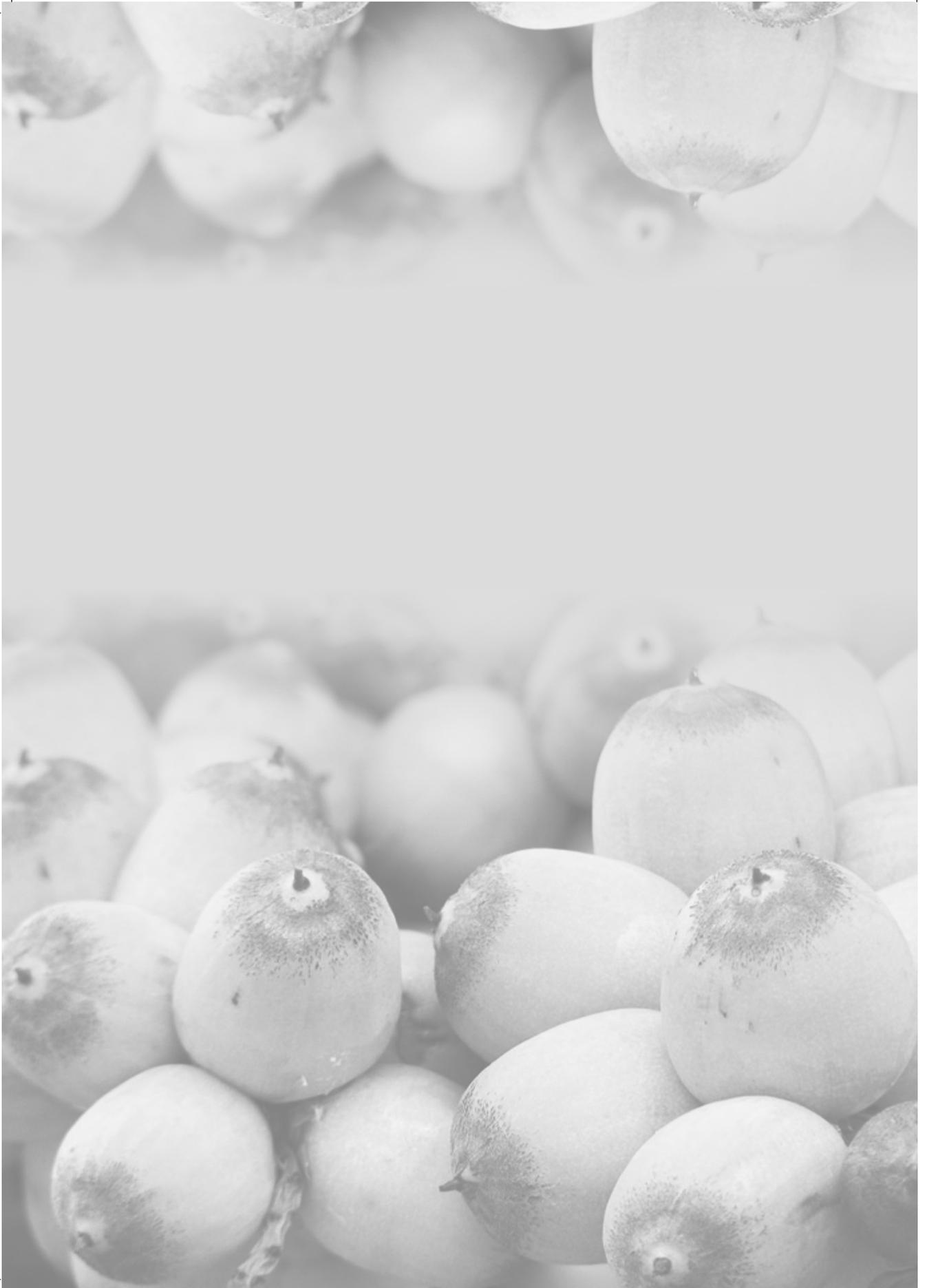
A background image of several lemons, some in sharp focus and others blurred, creating a textured, natural setting. The lemons are light-colored with some green at the stems.

UM ESTUDO SOBRE A ETNOGRAFIA DO POVO CIGANO E O PROCESSO TERRITORIALIDADE NO CONTEXTO DO SEMIÁRIDO

Joelma Conceição Reis Felipe¹ e Cosme Batista dos Santos²

¹Mestranda em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental, UNEB, Campus VIII, Paulo Afonso, BA e coordenadora pedagógica na Secretaria Municipal de Educação de Petrolina.

²Docente da Universidade do Estado da Bahia e do Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental.



RESUMO

Este artigo propõe analisar as questões pertinentes à territorialidade dos ciganos no Semiárido, sobretudo o processo de identidade étnica, como também a construção de representação simbólica com base nos aspectos culturais desse povo. Nesse sentido, é importante pontuar quem são esses ciganos, o que fazem de onde partiram e quais os artefatos culturais presentes em suas crenças e costumes, pois, falar sobre ciganos é pensar em um contexto recheado de tradição, bem como em diásporas, como é o caso dos calon. Num segundo momento, observou-se um estudo de caso na Fazenda Campo Redondo e as relações afetivas, baseados nos elos familiares e culturais entre os ciganos e não-ciganos. Quanto à pesquisa, as entrevistas tiveram o objetivo de, a partir da análise das narrativas orais, perceber quais são os símbolos usados por estes grupos para construir seu processo identitário de territorialidade e quais as relações entre os territórios ciganos em Petrolina, Jaguarari e Ribeira do Pombal a serem estudados. Nos três contextos analisados, observou-se que o cigano vive várias dimensões sociais ao mesmo tempo, uma relacionada ao seu grupo cultural, e outra com relações dinâmicas não ciganas. Portanto, as práticas culturais ciganas (o dote, o casamento, preestabelecidos pelos pais etc.), estão relacionadas à maneira como esses se territorializaram em ruas, nos bairros destes municípios, percebendo-se que os ciganos mantêm ainda, relações próximas, não em função da distância entre as cidades, mas com o intuito de manter os laços de parentesco, que indicam uma relação clânica com predomínio do povo calon no contexto Semiárido.

Palavras-chave: Cigano. Cultura. Etnia. Povo.

RÉSUMÉ

Cet article analyse les questions importants des territorialité des Roms dans les semi-aride, d'une identité ethnique, mais aussi comme une structure symbolique basée sur les aspects culturels de la population. Ainsi, il est important de souligner qu'ils sont gitans, ce qu'ils font, où et quels artefacts culturels présents dans leurs croyances et coutumes, car parler de gitans, c'est de penser dans un contexte de tradition ainsi que dans la diaspora, comme le cas de calons. une deuxième moment, il ya eu une étude de cas à la Fazenda Campo Redondo et des relations affectives, fondées sur des liens familiaux et culturelles entre les Roms et non-Roms. En ce qui concerne la recherche, les sondages avaient pour but de l'analyse des récits oraux, de comprendre quels sont les symboles utilisés par ces groupes de renforcer leurs processus de territorialité et d'identité qui les relations entre les Tsiganes dans les territoires Petrolina, Jaguarari et Ribeira do Pombal à étudier. Dans les trois contextes étudiés, on a observé que le tzigane vit plusieurs dimensions sociales dans le même temps, l'un lié à leur groupe

culturel, et d'autres relations dynamiques avec les non-tsiganes. Par conséquent, les pratiques culturelles des Roms (dot, le mariage, pré-établies par les parents, etc.), sont liées à la manière comment ils territorialisée dans les rues et dans les quartiers de ces villes, il est perçu que les Roms sont toujours maintenir des relations étroites, non pas en fonction la distance entre les villes, mais dans le but de maintenir les liens de parenté, le clan qui indiquent une relation avec une prédominance de personnes Calon dans le cadre semi-aride.

Mots-clés: Tsigane. Culture. Ethnicité. Gens.

1 INTRODUÇÃO

A escolha do tema, “Etnografia do povo cigano no contexto do Semiárido”, ocorreu pelo fato desse grupo étnico fazer parte das comunidades de algumas cidades do Nordeste, levando-se em consideração a trajetória de nomadismo à fixação dos mesmos em ruas tendo em vista a discussão de gestão socioambiental e sustentabilidade no limiar deste século, entremeada pelo debate de novos conceitos sobre cultura, fronteiras e etnicidade.

Dessa forma, é interessante ressaltar a importância da identidade e do pertencimento dos ciganos perante os diversos grupos, sem deixar de mencionar a cultura em seu sentido de representação coletiva, além das fronteiras vigentes e das diferenças entre as concepções de imaterialidade e materialidade.

Diante das inúmeras histórias sobre a origem dos ciganos, a que mais se destaca pelas comparações linguísticas é a do norte da Índia com dispersão para a Europa no século XVIII (Figura 1), sendo marcada pela política de repressão, fato esse que foram degredados para o Maranhão pelas normas de Portugal em 1574, espalhando-se pelo território brasileiro com estigmas de “ladrões” e “povo do mal” que são mencionados até os dias atuais. Conforme Teixeira (2008, p. 9), a complexa definição da identidade cigana, a documentação conhecida indica que sua história no Brasil, iniciou em 1574, quando o cigano João Torres, sua mulher e filhos foram degredados para o Brasil:

Mas não há dúvida alguma que os primeiros ciganos que desembarcaram no Brasil foram oriundos de Portugal, e que estes não vieram voluntariamente, mas expulsos daquele país. Foi o que parece ter acontecido, por exemplo, já em 1574, com um certo João de Torres e sua mulher Angelina que foram presos apenas pelo fato de serem ciganos. Inicialmente João foi condenado às galés e Angelina deveria deixar o país dentro de dez dias, levando seus filhos. Alegando, no entanto, que “era fraco e quebrado, e não era para servir em coisa de mar e muito pobre, que não tinha nada de seu”, João pediu para poder sair do Reino, ou então que pudesse ir para o Brasil para sempre. [...] A escolha da Coroa pela capitania do Maranhão visava pelo menos a dois objetivos. Primeiro, colocar os ciganos “bastante afastados das áreas brasileiras de mineração e de agricultura, assim como longes dos principais portos da colônia, do Rio de Janeiro a Salvador. Segundo, esperava-se que os ciganos ajudassem a ocupar extensas áreas dos sertões nordestinos, então ainda ocupadas por índios. Ainda que perigosos, preferia-se os ciganos aos índios. Não foram ainda descobertos documentos com dados sobre o número de ciganos deportados para o Brasil nesta época, para quais capitanias e por quais motivos.

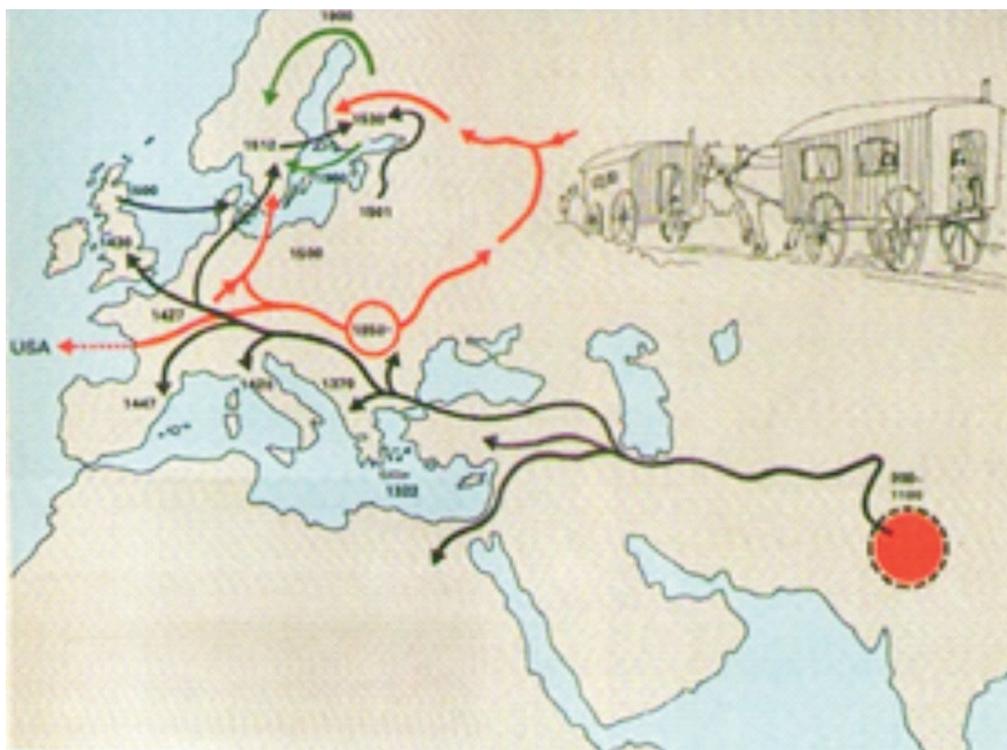


Figura 1 – Mapa de dispersão dos ciganos pela Europa

Fonte: Fonseca, 1996, p. 102

Neste contexto, político e ideológico, é que começaram as pesquisas e os registros sobre a cultura cigana no país. As descrições sobre seus costumes e manifestações artísticas, envoltas em preconceitos e mistificações, vinham impregnadas da expectativa de “branqueamento” da população e da exaltação científica do progresso das civilizações.

Um dos aspectos de identificação dos ciganos ocorreu no século XVIII, através de estudos linguísticos, podendo perceber que as línguas ciganas e o sânscrito tinham inúmeras palavras semelhantes, comprovando a origem indiana de identificação do grupo étnico, sendo os únicos entre os povos que mantêm certas tradições com características culturais bem definidas. Para Hall (2003), a cultura não é apenas uma viagem de redescoberta, uma viagem de retorno. Não é uma “arqueologia”. A cultura é uma produção. Tem sua matéria-prima, seus recursos, seu “trabalho produtivo”.

O que marca essa discussão diz respeito à ideia que os ciganos têm de sua história de vida, visto não haver documentos e registros sobre o percurso histórico deixado pelas gerações. Por isso, é apontado para muitos, a questão de pertencimento ao povo.

O povo rom é considerado cidadão do mundo, sendo portador de uma cultura multissecular, embora a história de sua origem continue sem dados precisos, esse grupo étnico é portador de uma cultura vivenciada na atualidade. Para Teixeira (2008, p. 10), “Os Calon, cuja língua é o caló, são ciganos que se diferenciaram culturalmente, após um prolongado contato com os povos ibéricos. Da Península Ibérica, onde ainda são numerosos, migraram para outros países europeus e da América. Foi de Portugal que vieram para o Brasil, onde é o grupo mais numeroso”. No município de Petrolina, ainda com as roupas coloridas e vivendo em comunidades fixas, os ciganos desta etnia consideram a língua como um instrumento quase que sagrado, usado para auto-reconhecimento do grupo.

2 OS DESAFIOS DOS CALON NO CONTEXTO DO SEMIÁRIDO

Os calon ou kalé são denominados ciganos ibéricos, que habitavam em Portugal e Espanha e foram deportados para o Brasil, na época da inquisição, sendo que hoje o Nordeste é considerado a pátria desse grupo. Em muitas comunidades é visível a substituição de alguns elementos que os acompanhavam por outros objetos da atualidade moderna, como a troca de carroças de burro por carros e motos, de tendas por casas, embora não abram mão de roupas coloridas nas festas de casamento e dos costumes dos acampamentos (Figura 2).



Figura 2 – Oratório dos Calons

Fonte: Joelma Conceição Reis Felipe, 2010

Na comunidade de Ribeira do Pombal (BA) é impossível não reparar que mesmo com o poder aquisitivo elevado e morando em casas confortáveis, ainda preservam as panelas, tachos “areados” e pendurados nas paredes, e a hospitalidade do povo sertanejo de servir água e café aos visitantes. Outro fato bastante relevante, do ponto de vista histórico, refere-se aos traços culturais que acompanham esse grupo, como por exemplo, ainda preservam o luto. Depois que um membro da família morre, a família sai da casa e procura uma nova moradia, evitando usar roupas vermelhas, comer carnes de animais e ouvir músicas. Outro traço cultural diz respeito aos apelidos das crianças quando nascem. Você já teve a oportunidade de visitar uma rua ou acampamento de ciganos? De ser professor de ciganos? Com certeza iria se deparar com uma diversidade de apelidos, pois quando o menino nasce, uma pessoa do grupo trata logo de dar o seu apelido que o acompanhará pelo resto da vida.

O grupo de ciganos calon tornou-se uma forte tendência de estudo entre os antropólogos e linguístas, sobretudo, por serem considerados os autênticos ciganos e por preservarem muitos artefatos culturais de tradição milenar, como a arte de quiromancia, a língua, as danças etc. Mas, o preconceito racial sempre rondou a trajetória do povo calon, sendo considerado inapto para participar da sociedade colonial, pois, os estigmas de “ladrões”, “trapaceiros”, “preguiçosos”, “sujos” eram atribuídos a esse grupo. Se no passado histórico eram tratados como a escória da sociedade, nos dias atuais, nas artes e na música, lutam por um destaque de um povo livre e colorido.

Nesse sentido, a origem dessa situação, explica-se em função do processo histórico que determinou a evolução social e étnica do território espanhol e português, em que os ciganos herdaram uma estrutura social organizada em função daqueles que os discriminavam, considerando-os portadores de uma raça de sangue “infecta”, ou sendo qualificados com pejorativos negativos. Segundo o texto abaixo, é interessante repensar a autonomia de cada cultura:

Os cruzamentos intensos e a instabilidade das tradições, bases da abertura valorativa, podem ser também – fonte de preconceitos e confrontos. Por isso, a análise das vantagens ou inconvenientes da desterritorialização não deve ser reduzida aos movimentos de ideias ou códigos culturais, como é frequente na bibliografia sobre pós-modernidade. Seu sentido se constrói também em conexão com as práticas sociais e econômicas, nas disputas pelo poder local, na competição para aproveitar as alianças com poderes externos (CANCLINI, 2003, p. 326).

Dessa forma, nota-se a presença dos ciganos em várias cidades do nordeste, formando grupos de exímios comerciantes que, na atualidade, negociam com a compra de mercadorias em outras regiões do país. Porém, de povos boêmios, conhecidos pela arte e fabricação de objetos de metal, hoje, acompanham os

rumos das famílias de sertanejos do Nordeste com um contexto sedentário que os obrigam a buscar outras profissões.

Nos grupos do município de Petrolina, percebe-se uma tendência pela música que vai do sertanejo ao romântico, numa perspectiva de manter o sustento das famílias. Assim, é perceptível o papel que tanto o homem, como a mulher cigana tem nos cuidados com a família e como provedora dos filhos. Segundo Mota (1988), durante o século XVIII, os ciganos foram proibidos de usar trajes típicos e o uso do seu idioma, bem como a prática de qualquer comércio com a compra e venda de animais e objetos. Essa forma de imposição aos ciganos, fez com que os mesmos mudassem seus hábitos nômades e, para os que não se adequassem a essas regras sociais, restava a expulsão e as fogueiras da Inquisição.

Os ciganos se autoidentificam no grupo sem que o sangue seja o elemento principal de pertencimento, mas os fatores de aceitação e identidade com vários símbolos, perpassando por sinais diacríticos, utilizados pelos membros para se designarem como pertencentes ao grupo. Em relação à representação dos ciganos pelos não ciganos, verifica-se que a mesma não acontece de forma equilibrada, devido aos pejorativos que ainda circundam e envolvem essa etnia, gerando vários preconceitos. Nesse sentido, pode-se dizer que as representações sociais acerca da cultura cigana estão ancoradas em sua origem e em comportamentos racistas, evidenciados na negação, constituindo-se numa situação de difícil interação com outras comunidades.

3 OS CIGANOS E A RELAÇÃO COM A FAZENDA CAMPO REDONDO NA CIDADE DE JAGUARARI (BA)

A etnografia, realizada na Fazenda Campo Redondo com a família Ferreira e os ciganos, mostra-se muito pertinente devido à preservação de um fato cultural ocorrido na região, o casamento entre um cigano com uma jurim (não cigana).

Em meados dos anos 1980, num lugarejo chamado Campo Redondo, um grupo de ciganos, costumava acampar com suas famílias para logo em seguida decidir o rumo da próxima caminhada. Pois, na família em questão, uma das filhas começou um relacionamento com o filho do chefe do grupo, chamado Josaphá. Essa família, assim como as demais, residia na Fazenda da zona rural da cidade de Jaguarari, na Bahia, e era constituída por 12 membros, entre adultos, idosos e adolescentes. Quem apresentava ter o comando da família era o pai, conhecido por Dudé.

De frente para a estrada, estava uma casa de alvenaria e de aparência simples, com um imenso terreiro bem varrido, em que todos os filhos da família Ferreira aproveitavam as noites para contar ‘causos’ e, durante o dia, para fitar o olhar sobre os tropeiros viajantes. Talvez, num destes dias, é que a filha (conhecida como Pepê) olhou para o jovem Josaphá que passava em frente à sua casa, montado num burro, seguindo o grupo e tenha batido forte o seu coração (Figura 3).



Figura 3 – Encantamento cigano
Fonte: Ilustração de Sidney Pereira, 2010

Contudo, à medida que o tempo foi passando, os ciganos adquiriram um lote de terra para acampar mais tempo naquela fazenda. Logo, um relacionamento desencadeou o desejo da moça de fazer parte do grupo, o casamento foi concedido pelo pai e a relação dos ciganos com os moradores também crescia simultaneamente, tendo em vista já fazerem parte da família cigana dos calon, na qual a filha iria seguir os costumes étnicos (Figura 4).



Figura 4 – Ser cigana

Fonte: Ilustração de Sidney Pereira, 2010

Para seguir as normas ciganas, o pai da noiva devia pagar um dote, além da construção da casa no local do acampamento com mobílias e, somente depois do casamento, a noiva iria mostrar a prova da virgindade à família. Mas, no meio da história e com a data marcada para o casamento, Pepê foi roubada pelo cigano, num sequestro consentido pela cultura dos calon e depois de alguns meses, o casamento foi realizado com muita festa e danças no acampamento cigano.

Hoje, o grupo fixou-se numa rua de ciganos numa outra cidade da Bahia e trabalha com compra e venda de animais, vivendo com a mesma motivação que preservam a identidade cultural e os códigos morais do grupo. Pois, os aspectos da representação de territorialidade podem ser positivos ou negativos, dependem do processo de pertencimento étnico e de como as práticas culturais são situadas em cada grupo cigano.

Na Fazenda Campo Redondo, é perceptível o pertencimento de ser cigano com uma identidade pautada em fatores de memória e respeito, de uma história viva entre os moradores dessa comunidade que se sentem, também, meio calin e calon.

Embora, para alguns que não conhecem a trajetória histórica dos ciganos possa soar estranha, na metáfora de vida gitana, existe a vontade de ser reconhecido como diferente dos outros, pois é um grupo específico, do ponto de vista cultural e político. Dessa forma, a história dos ciganos é analisada em um caminhar de diversidades, em função de inúmeras circunstâncias sociais, transmutando-se em narrativas de vida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que essa análise tem suas discussões imersas na etnografia de três comunidades calin no Semiárido, pode-se dizer que, nesta década, os ciganos passaram a ocupar o lugar de destaque nas políticas de Promoção da Igualdade Racial, saindo da inércia de um grupo invisível que, até então, os mantinha cristalizados nos preconceitos e invisibilidade a quem eram submetidos. Assim, o presente artigo possibilitou-se falar sobre, por exemplo, a cultura cigana com seus costumes e crenças ou ainda sobre a metáfora da vida gitana dos calin.

Nesse sentido, apresentou-se a indagação: se os ciganos podem ter uma vida de experiências, que os mesmos podem falar e pensar por meio de uma língua que lhe é particular ou ainda estarem livres das exigências do mercado formal?

Assim, a etnografia do casamento cigano da Fazenda Campo Redondo, conduz a uma afirmação de autoidentificação cigana e abre uma discussão para uma série de interrogações em que o ser Cigano está em questão. Em síntese, trata-se de reconhecer o pertencimento da etnia cigana na história da formação do povo brasileiro e analisar a existência de aspectos culturais no próprio ser cigano, que são mantidos, no momento atual, como o direito a ter direitos. Torna-se possível, então, pensar no Decreto nº 6.040/2007 (BRASIL, 2007) que cria a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.

De fato, para constituir o rastro dos ciganos no Semiárido, não basta analisar as características culturais e sociais no âmbito da história, deve-se estudá-las em termos de representações feitas por eles e pelo outro e sobre os quais vivem, produzem e preservam. O espaço da representação é justamente o encontro do local com a distância que os separam do percurso histórico. Do mesmo modo, com relação à territorialidade desse povo não diz respeito a um contexto nômade, mas, a partir do momento em que se passa a viver em ruas de ciganos, mesmo com suas tradições, a quiromancia, a língua, pode-se, então, constituir uma etnia cigana. Conforme a abordagem sobre a semiótica da cultura de Geertz (1998, p. 17):

A tensão entre o obstáculo dessa necessidade de penetrar num universo não familiar de ação simbólica e as exigências do avanço técnico na teoria da cultura, entre a necessidade de aprender e a necessidade de analisar, é, em consequência, tanto necessariamente grande como basicamente irremovível.

Nesse ínterim, a discussão dos povos e comunidades tradicionais pode ser pensada no estudo das representações referentes a cada grupo que reivindica para si, a necessidade de autorreconhecimento. Da mesma forma, as pesquisas científicas só encontram lugar onde há representações, ou seja, não se pode constituir a etnografia do povo cigano sem considerar a identidade e o “pertencimento cultural” como parte de sua etnicidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, C.; FALCÃO, V. 2010. No rastro dos ciganos. **Jornal do Comércio**, 28 maio 2010. Caderno Especial, p 12.

BIBLIOTECA NACIONAL. **Mapa de dispersão dos ciganos**. Disponível em: <<http://thegypsyhistory.blogspot.com/2008>> Acesso em: 24 nov. 2010.

BRASIL. **Decreto nº 6.040 de 7 de fevereiro de 2007**. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 8 out. 2007.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2003.

FONSECA, I. **Enterrem-me em pé**: a longa viagem dos ciganos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

GEERTZ, C. **A Interpretação de culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos Científicos, 1998.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidade e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

Joelma Conceição Reis Felipe e Cosme Batista dos Santos

MOONEN, F. **Ciganos calon no sertão da Paraíba**. 1995. Dissertação (Mestrado em Ciências sociais) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1995.

MOTA, A. V. B. da. **Ciganos: antropologia de ensaios**. Brasília: Thesaurus, 2004.

TEIXEIRA, R.C. 2008. **História dos ciganos no Brasil**. 2. ed. Digital. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos, 2008.